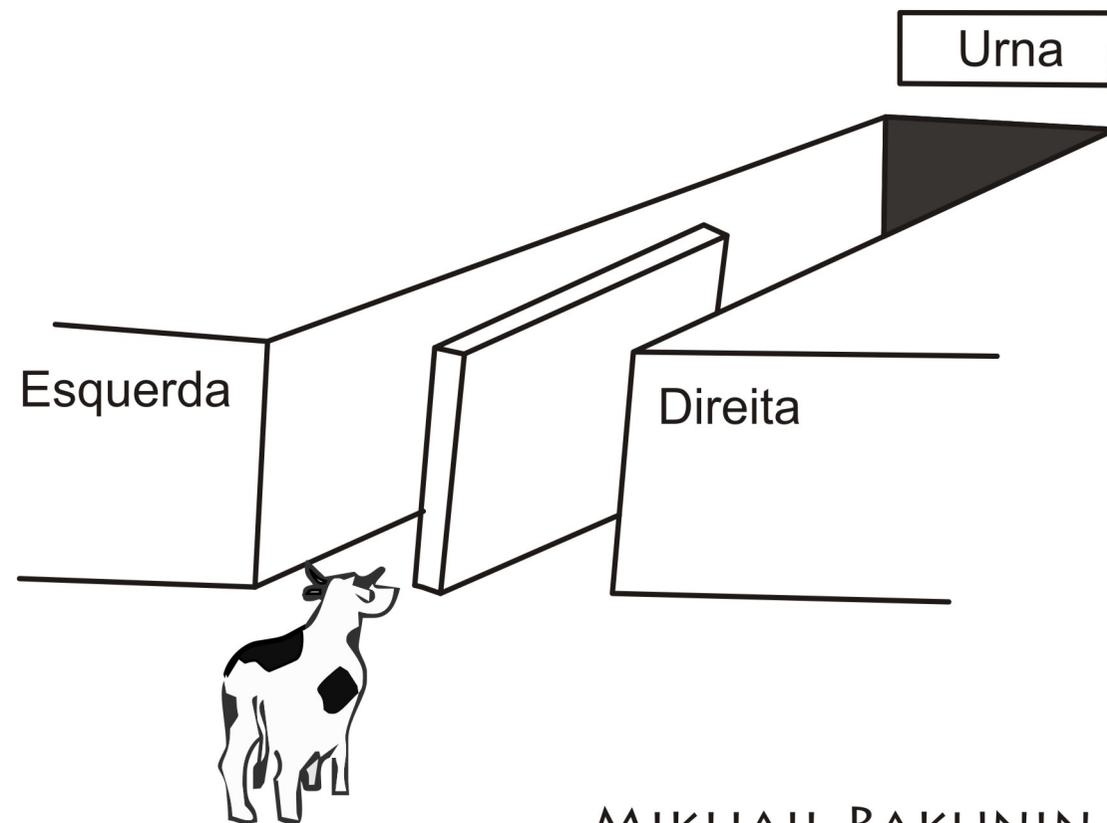


A FALSIDADE DO SISTEMA REPRESENTATIVO DESCANSA SOBRE A FICÇÃO DE QUE O PODER EXECUTIVO E A CÂMARA LEGISLATIVA, SURTI-DOS DE ELEIÇÕES POPULARES, DEVEM REPRESENTAR A VONTADE DO POVO OU AO MENOS DE QUE PODEM FAZÊ-LO. O POVO QUER, INSTINTIVA E NECESSARIAMENTE, DUAS COISAS: A MAIOR PROSPERIDADE MATERIAL POSSÍVEL DADAS AS CIRCUNSTÂNCIAS E A MAIOR LIBERDADE PARA SUAS VIDAS, LIBERDADE DE MOVIMENTO E LIBERDADE DE AÇÃO. O QUE SIGNIFICA DIZER QUE DESEJA UMA MELHOR ORGANIZAÇÃO DE SEUS INTERESSES ECONÔMICOS E A AUSÊNCIA COMPLETA DE TODO O PODER. TAL É A ESSÊNCIA DE TODOS OS INSTINTOS POPULARES.

COMO PODE O POVO – ESMAGADO PELO SEU TRABALHO E IGNORANDO A MAIORIA DAS QUESTÕES EM CURSO – CONTROLAR OS ATOS POLÍTICOS DE SEUS REPRESENTANTES?

NÃO É EVIDENTE QUE O APARENTE CONTROLE EXERCIDO PELOS ELEITORES SOBRE SEUS REPRESENTANTES É, NA REALIDADE, PURA FICÇÃO? POSTO QUE O CONTROLE POPULAR NO SISTEMA REPRESENTATIVO CONSTITUI A ÚNICA GARANTIA DE LIBERDADE POPULAR, É ÓBVIO QUE ESTA LIBERDADE MESMA É, SENÃO, PURA FICÇÃO.

BAKUNIN, ELEIÇÕES E DEMOCRACIA



MIKHAIL BAKUNIN

Bakunin, eleições e democracia

Mikhail Bakunin

. b i b l i o t e c a .



TERRA LIVRE

Tradução: Vitor Ahagon
Revisão: Renata Santarem
Diagramação e Projeto Gráfico: Gabriela Brancaglioni



<http://bibliotecaterralivre.noblogs.org/>
bibliotecaterralivre@gmail.com

São Paulo
2012

Bakunin, eleições e democracia ¹

O texto a seguir é um resumo elaborado a partir da compilação de escritos de Mikhail Bakunin com base no capítulo “Crítica da sociedade existente” correspondente ao Tomo I de “Escritos de filosofia e política” (compilação de Maximoff). Destaca-se as partes em que Bakunin refere-se à democracia e as eleições. Os títulos em negrito são de Maximoff e, naturalmente, o desenvolvimento do texto é obra de Bakunin.

Enquanto o povo alimentar, manter e enriquecer os grupos privilegiados da população mediante seu trabalho, incapaz de autogovernar-se, sendo forçado a trabalhar para outros e não para si, estará invariavelmente regido e dominado pelas classes exploradoras. Isto não pode ser remediado nem sequer pela constituição mais democrática, porque o fator econômico é mais forte do que os direitos políticos, que somente podem ter significado e realidade enquanto repousam sobre o econômico.

A igualdade de direitos políticos, ou Estado democrático, constitui a mais flagrante contradição terminológica. O Estado ou direito político denota força, autoridade, predomínio; supõe de fato a desigualdade. Onde todos governam não existe governados e não existe, portanto, Estado. Onde todos desfrutam da mesma forma os direitos humanos, todo direito político perde sua razão de ser. O direito político implica privilégio e onde todos possuem os mesmos privilégios, ali se desvanece o privilégio e junto a ele o direito político. Por conseguinte, os termos “Estado democrático” e “igualdade de direitos políticos” implicam nada menos que a destruição do Estado e a abolição de todo o direito político.

¹ Texto traduzido a partir do site Portal Libertário OACA, <http://www.portaloaca.com>

O termo “democracia” se refere ao governo do povo, pelo povo e para o povo e a palavra “povo” refere-se a toda massa de cidadãos – atualmente é preciso acrescentar: e de cidadãs – que formam uma nação.

Neste sentido, nós somos todos democratas.

A democracia como “Governo do povo” é um conceito equivocado. Mas ao mesmo tempo temos que reconhecer que o termo democracia não é suficiente para se ter uma definição exata e, se considerado isoladamente, como acontece com o termo liberdade, somente pode prestar-se a interpretações equivocadas. Não temos visto chamar-se democratas os perpetradores e proprietários escravistas do Sul e todos os seus partidários no Norte dos Estados Unidos? E o cesarismo moderno, que pesa como uma terrível ameaça sobre toda a humanidade europeia, não se chama também a si mesmo de democrático? Inclusive o Imperialismo moscovita, de São Petersburgo, este “Estado puro e simples”, o ideal de todos os poderes centralizados, militares e burocráticos, não esmagou recentemente a Polônia em nome da democracia?

_____ Exploração e Governo

A exploração e o governo são as expressões inseparáveis do que se denomina política; a primeira fornece os meios para se levar adiante o processo de governar e constitui também a base necessária e a meta de todo o governo, que por sua vez garante e legaliza o poder de explorar. Desde o começo da história, ambas constituem-se a vida real de todos os Estados teocráticos, monarquias, aristocracias e, inclusive, democráticos. Antes da Grande Revolução, no final do século XVIII, o vínculo íntimo entre exploração e governo era ocultado pelas ficções religiosas, nobiliárias e cavaleirescas; mas desde que a mão brutal da burguesia rasgou esse véu bastante transparente, desde que o turbilhão revolucionário dispersou as vãs fantasias das quais a Igreja, o Estado, a teocracia, a monarquia e a aristocracia mantinham serenamente durante tanto tempo, suas abominações históricas; desde que a burguesia, cansada de ser a bigorna, se converte em martelo e inaugura o Estado Moderno, este vínculo inevitável se tem revelado como verdade desnuda e indiscutível.

_____Capitalismo e democracia representativa

A moderna produção capitalista e a especulação bancária exigem, para seu pleno desenvolvimento, um grande aparato estatal centralizado, pois somente ele é capaz de submeter à sua própria exploração os milhões de assalariados.

Enquanto o sufrágio universal se exerce em uma sociedade onde o povo, a massa de trabalhadores, está economicamente dominada por uma minoria que controla de modo exclusivo a propriedade e o capital do país, por mais livre e independente que possa ser o povo em outros aspectos ou que pareça sê-lo do ponto de vista político, as eleições, realizadas sob o sufrágio universal, podem ser somente ilusórias e antidemocráticas em seus resultados, que invariavelmente se revelaram absolutamente opostas às necessidades, aos instintos e a verdadeira vontade da população.

Sob o capitalismo, a burguesia está melhor equipada que os trabalhadores para fazer uso da democracia representativa. É certo que a burguesia sabe melhor que o proletariado o que quer e o que deve querer. Isto é verdade por duas razões: primeiro, porque é mais culta, porque é ociosa e, portanto, possui muito mais meios para conhecer as pessoas que elegerão. Segundo, e esta razão é a principal, porque o propósito não é novo e nem imensamente vasto em seus fins, como ocorre com o do proletariado. Ao contrário, é um propósito conhecido e completamente determinado pela história e por todas as condições da situação atual da burguesia; não é mais que a preservação de seu domínio político e econômico. Isto é tão claro que se torna muito fácil adivinhar e saber qual entre os candidatos solicitantes dos votos eleitorais burgueses é capaz de servir bem seus interesses. Em

consequência é seguro, ou quase seguro, que a burguesia estará sempre representada de acordo com seus desejos mais íntimos.

Em meu juízo, está claro que o sufrágio universal constitui a manifestação mais ampla, e ao mesmo tempo a mais refinada, da charlataria política estatal; é, sem dúvida alguma, um instrumento perigoso, que exige de quem a utiliza uma grande habilidade e competência, mas que ao mesmo tempo, se essas pessoas aprendem a utilizá-la, pode converter-se em um meio mais seguro para fazer que as massas cooperem com a construção de seu próprio cárcere. Napoleão III construiu seu poder inteiramente sobre o sufrágio universal, que nunca traiu sua confiança. E Bismarck fez dele a base de seu Império Germânico.

O SISTEMA REPRESENTATIVO SE BASEIA SOBRE UMA ILUSÃO

_____ *A discrepância básica*

A falsidade do sistema representativo descansa sobre a ficção de que o poder executivo e a câmara legislativa, surgidos de eleições populares, devem representar a vontade do povo ou ao menos de que podem fazê-lo. O povo quer, instintiva e necessariamente, duas coisas: a maior prosperidade material possível dadas as circunstâncias e a maior liberdade para suas vidas, liberdade de movimento e liberdade de ação. O que significa dizer que deseja uma melhor organização de seus interesses econômicos e a ausência completa de todo o poder. Tal é a essência de todos os instintos populares.

Como pode o povo – esmagado pelo seu trabalho e ignorando a maioria das questões em curso – controlar os atos políticos de seus representantes?

Não é evidente que o aparente controle exercido pelos eleitores sobre seus representantes é, na realidade, pura ficção? Posto que o controle popular no sistema representativo constitui a única garantia de liberdade popular, é óbvio que esta liberdade mesma é, senão, pura ficção.

Abismo entre aqueles que governam e aqueles que são governados

Mas, as finalidades instintivas de quem governa – de quem elabora as leis do país e exerce o poder executivo – se opõem diametralmente às aspirações populares instintivas, devido a posição excepcional dos governantes. Sejam quais forem seus sentimentos e intenções democráticas, podem considerar somente esta sociedade como um professor de escola considera seus alunos, dada a elevada posição ao qual se encontram. Por um lado, este é o sentimento de superioridade inspirado necessariamente por uma posição superior; por outro, este é o sentimento de inferioridade induzido pela atitude de superioridade do professor que exerce o poder executivo ou legislativo. Quem diz poder político, diz sempre dominação. E onde existe a dominação, uma parte mais ou menos considerável do povo está condenada a ser dominada pelos outros. Portanto, é muito natural que quem está dominado detestem os dominadores e que os dominadores devam reprimir e conseqüentemente oprimir aqueles que estão submetidos.

_____ *A posse do poder induz a uma mudança de perspectiva*

Tal têm sido a eterna história do poder político desde o momento em que se estabeleceu neste mundo. Isto explica também porque e como homens democratas e rebeldes, dos mais vermelhos , enquanto formavam a parte da massa do povo governado, se fizeram extremamente conservadores quando chegaram ao poder. Normalmente estes atos são atribuídos como traição. Mas é uma ideia errônea; neste caso, a causa dominante é a mudança de posição e perspectiva.

Posto que o Estado político não têm outra missão que a de proteger a exploração do trabalho popular por parte das classes economicamente privilegiadas, o poder dos Estados são compatíveis somente com a liberdade exclusiva das classes das quais representa, e toda a dominação supõe a existência de massas dominadas. Por conseguinte, o Estado não pode ter confiança na ação espontânea e no livre movimento das massas, cujo os interesses militam contra sua existência. É seu inimigo natural, seu invariável opressor, embora tenham o cuidado de não dizer abertamente, atuando sempre neste sentido.

_____ *Do ponto de vista radical, existe pouca diferença entre monarquia e democracia*

Ignoram que o despotismo não reside tanto na forma do Estado ou do poder como princípio mesmo do Estado e do poder político; ignoram que, em consequência, o Estado republicano tem por essência ser tão despótico quanto o Estado governado por um imperador ou um rei. Existe, somente, uma diferença real entre ambos. Um e outro têm por base e meta essencial a escravidão econômica das massas para benefício das classes possuidoras. Diferem, no entanto, em que para conseguir esta meta, o poder monárquico – que em nossas dias tende, inevitavelmente, em transformar-se em uma ditadura militar – priva de liberdade todas as classes, inclusive aquela que protege em detrimento do povo... Se vê forçado a servir os interesses da burguesia, mas o faz sem permitir que essa classe possa intervir de modo sério no governo e no problemas do país...

_____ *Por si, a Republica não representa a solução dos problemas sociais*

É evidente que a democracia sem liberdade não nos pode servir como bandeira. Mas, o que é esta democracia baseada sobre a liberdade mais que uma república? A união da liberdade com o privilégio cria um regime de monarquia constitucional, mas sua união com a democracia pode somente realizar-se em uma república... Todos somos republicanos no sentido de que, levados pelas consequências de uma lógica inexorável, advertidos de antemão pelas ásperas e, ao mesmo tempo, saudáveis lições da história, por toda a experiência do passado e, sobretudo, pelos acontecimentos que se têm lançado às trevas sobre a Europa desde 1848, como também pelos perigos que nos ameaçam hoje, temos chegado todos igualmente a essa mesma convicção: que as instituições monárquicas são incompatíveis com o reino da paz, da justiça e da liberdade.

Detestamos a monarquia com todo nosso coração; nada melhor podemos pedir que seu fim em toda a Europa e em todo o mundo, pois estamos convencidos, como vós, de que sua abolição é condição indispensável para a emancipação da humanidade. Deste ponto de vista, somos francamente republicanos. Mas para emancipar o povo e dar-lhe justiça e paz, não cremos que seja suficiente acabar com a monarquia. Estamos firmemente convencidos do contrário, digo, de que uma grande república militar, burocrática e politicamente centralizada pode converter-se, e necessariamente se converterá, em um poder conquistador e vitorioso sobre os outros poderes, opressivo para com sua própria população e de que se demonstrará incapaz de assegurar seus interesses – embora chamem-se cidadãos – o bem estar e a

liberdade. Não temos visto a grande nação francesa constituir-se por suas vezes como república democrática e perder por duas vezes a liberdade, vendo-se arrastada para a guerra de conquista?

_____ *A justiça social é incompatível com a existência do Estado*

O Estado implica violência, opressão, exploração e injustiças erigidas sistematicamente e transformadas em fundamentos da sociedade. O Estado nunca teve e nunca terá moralidade alguma. Sua moral e sua única justiça é o supremo interesse da autopreservação do poder ilimitado, interesse ante o qual toda a humanidade deve ajoelhar-se em adoração. O Estado é a completa negação da humanidade, uma dupla negação: o contrário da liberdade e da justiça humana e uma brecha violenta na sociedade universal da raça humana.

Por mais democrática que possa ser sua forma, nenhum Estado – nem sequer a república política mais vermelha, que é uma república popular no mesmo sentido que a falsidade definida como representação popular – pode proporcionar ao povo o que necessita. A saber, a livre organização de seus próprios interesses de baixo para cima, sem interferência, tutela e violência dos estratos superiores. Porque todo Estado, até o mais republicano e democrático – incluindo o Estado supostamente popular concebido pelo senhor Marx – é essencialmente uma máquina para governar as massas de cima, através de uma minoria inteligente e, portanto, privilegiada, que supostamente conhece os verdadeiros interesses do povo, melhor que o próprio povo.

Deste modo, incapaz de satisfazer as exigências do povo ou de suprimir as paixões populares, as classes possuidoras e governamentais possuem somente um meio a sua disposição: a violência estatal, em uma palavra, o Estado, porque o Estado implica violência, um governo baseado na violência disfarçada ou, se necessário, aberto e sem cerimônias.

O Estado mundial, tantas vezes intentado, sempre terminou em fracasso. Por conseguinte, enquanto um Estado exista haverá vários outros, e posto que cada um tem como única meta e lei suprema sua preservação em detrimento das demais, se deduz dele que a existência mesma do Estado implica numa guerra perpétua, a negação violenta da humanidade. Todo Estado deve conquistar ou ser conquistado. Todo Estado baseia seu poder na debilidade de outros poderes, e se puder fazê-lo sem minar sua própria posição... sobre sua destruição.

Deste ponto de vista seria uma terrível contradição e uma ridícula ingenuidade declarar o desejo de estabelecer uma justiça internacional, uma liberdade e paz perpétua e, ao mesmo tempo, querer manter o Estado. É impossível querer fazer que o Estado mude de natureza, porque o Estado existe unicamente graças a ela e se a abandonasse deixaria de ser um Estado. Por conseguinte, não pode e nem poderá haver Estado bom, justo e moral.

Todos os Estados são maus no sentido de sua natureza, a saber, as condições e objetivos de sua existência representam o oposto da justiça, da liberdade e da igualdade humana. Neste sentido não há muita diferença, ainda que se diga o contrário, entre o bárbaro Império Russo e os Estados mais civilizados da Europa. A diferença consiste em que o Império do czar faz abertamente o que os demais fazem de modo dissimulado e hipócrita. E a atitude franca, despótica e desdenhosa do Império do czar faz com que todo ser humano constitua, de forma inconsciente, o ideal do Estado, de modo que todos os estadistas europeus o admirem. Todos os Estados europeus fazem as mesmas coisas que a Rússia. Um Estado virtuoso só pode ser um Estado impotente, este tipo de Estado é, inclusive criminoso em seus pensamentos e aspirações.

É necessário a criação universal de produtores sobre as ruínas do Estado

Chego assim a conclusão: quem quer unir-se a nós no estabelecimento da liberdade, da justiça e da paz, quem deseja o triunfo da liberdade, a plena e completa emancipação das massas populares, deve tender também a destruição de todos os Estados e o estabelecimento, sobre suas ruínas, de uma Federação Universal de Associações Livres de todos os lugares do mundo.

Uma organização Federal estabelecida de baixo para cima, formada de associações e grupos de trabalhadores, por comunas urbanas e rurais, por regiões e povos, esta é a única condição de uma liberdade real e não fictícia, sendo que representa, justamente, o contrário da produção capitalista e da especulação bancária, que se desenvolve muito bem na chamada democracia representativa; porque esta forma moderna do Estado, baseada sob uma suposta vontade legislativa do povo, supostamente expressa por seus representantes populares em assembleias supostamente populares, unifica em si as condições necessárias para a prosperidade da economia capitalista: centralização estatal e submissão efetiva ao soberano – o povo – a minoria que teoricamente lhe representa, mas que na prática o governa intelectualmente e que, invariavelmente, o explora.

Campanha Existe Política além do Voto!

Manifesto

Já percebeu que votar não resolve os verdadeiros problemas da população? Vem governo, vai governo e a situação permanece igual. Nas eleições, os políticos prometem soluções para todos problemas e pedem nossos votos. Mas quando são eleitos esquecem daqueles que o elegeram.

Quantas decisões são tomadas sem a nossa opinião? Mudam as leis, constroem usinas e estádios de futebol. Aumentam a passagem do transporte público e gastam milhões com seus salários. Mas nada de mais hospitais, escolas e creches. Não fazem nada em relação às enchentes. A polícia continua oprimindo o povo todos os dias.

Os governantes dizem que são ações para o nosso “bem” e que é o “melhor para a gente”. Mas como podem saber o que queremos se não nos consultam?

Eles não querem saber o que precisamos, queremos e desejamos.

Isso tudo não é novidade para maioria de nós. Enxergar que as coisas não vão bem já é um começo, mas não basta. Devemos ir além! Temos que tomar de volta nossas vidas em nossas próprias mãos!!!

Ninguém mais aguenta essa política que nos impõem. A democracia representativa, esse sistema baseado nas eleições de políticos para cargos de governo, é o que mantém as coisas como estão. O poder está concentrado nas mãos de uma minoria que governa em favor dos ricos e poderosos, ignorando as necessidades e os desejos do povo.

O crescimento econômico é uma farsa, pois somente os grandes empresários se beneficiam com ele. O povo, como

sempre, recebe só as migalhas que caem dos bolsos cheios dos detentores do capital que são favorecidos por aqueles que detêm o poder. E nesse sistema capitalista sempre quando alguém ganha, muitos outros perdem...

É por isso que nos colocamos contra esse sistema político-econômico. Não aceitaremos mais que os políticos decidam por nós! Vamos nos organizar e construir novas formas de viver em sociedade.

Existe política além do voto! Votar de quatro em quatro anos não é fazer política. Existe um outro mundo a ser descoberto. Ele não está tão distante quanto imaginamos. Para vê-lo, basta apenas pararmos de aceitar o que nos impõem e passar a agir para alcançar um horizonte que está além do que estamos acostumados a enxergar.

Para isso propomos fazer política todos os dias, coletivamente, e que as decisões e ações partam de cada um e de todos. Uma política construída diretamente pelas pessoas. Que elas mesmas tenham a possibilidade concreta de defender seus interesses e decidirem sobre o rumo das suas vidas, associando-se com outras pessoas que tenham interesses e vontades em comum. Que as decisões sejam tomadas com todos os indivíduos em pé de igualdade, sem nenhum indivíduo com mais poder do que outro, baseados em uma relação de **cooperação** e **solidariedade**.

Propomos, ao invés da democracia representativa e das eleições, uma **democracia direta** em que as pessoas se organizem para decidir sobre os assuntos nos quais estejam envolvidas, seja no seu bairro, na sua escola, no seu local de trabalho, enfim, em qualquer espaço de convivência. Queremos uma política que seja feita no dia-a-dia, que esteja integrada às nossas vidas. Que não tenhamos mais que escolher um governante. Uma política na qual não precisemos

mais votar e nem eleger ninguém! Que sejamos nós mesmos a decidir e agir na organização da sociedade.

Essa proposta política é praticada em diversas partes do mundo e por muitos grupos diferentes. Trabalhadores se reúnem para produzir bens ou prestar serviços sem necessidade de um patrão, em sistema de **autogestão**. Diferentes grupos de pessoas se organizam em associações de bairros, mantêm centros culturais, participam de movimentos sociais, culturais e políticos, assim como de manifestações, protestos, ocupações e ações para denunciar as injustiças cometidas pelo Estado e pelos capitalistas. São pessoas que pela **ação direta**, sem representantes e sem chefes, decidem e atuam na política e na economia de nossa sociedade. Esses grupos se comunicam e se coordenam, combinando ações, criando laços de apoio e ações conjuntas, mas cada um com sua **autonomia**, organizando-se sem hierarquias e sem um grupo dirigente ou governante, associando-se num sistema que chamamos de **federalismo**.

Acreditamos que só assim construiremos uma sociedade livre, justa e igualitária.

Façamos nós mesmos a nossa história! Existe política além do voto!

ACESSE: alemdivoto.org

